

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

O MAPA DA DROGA

REBECA STEIMAN

ORIENTADORA: PROF^a LIA OSÓRIO MACHADO

MONOGRAFIA SUBMETIDA AO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL
EM GEOGRAFIA

RIO DE JANEIRO
NOVEMBRO - 1995

FICHA CATALOGRÁFICA

STEIMAN, REBECA

O Mapa da Droga

Rio de Janeiro, 1995

vi, 39p. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995 / UFRJ

Dissertação de Monografia para Obtenção do Título de Bacharel em Geografia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

O MAPA DA DROGA

REBECA STEIMAN

MONOGRAFIA SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE
GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO
REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL EM GEOGRAFIA

ORIENTADORA: PROF^a Dr^a LIA OSÓRIO MACHADO

APROVADO POR:

PROF(A). _____

PROF(A). _____

PROF(A). _____

RIO DE JANEIRO
NOVEMBRO / 1995

AGRADECIMENTOS

Como etapa “temida” e final de um curso de graduação, esta monografia contou com a ajuda preciosa de tantas pessoas que se torna extremamente difícil a tarefa de agradecer. Esta ajuda não se traduziu somente de forma óbvia e direta. É preciso agradecer às pessoas que partilharam o sonho, que deram sugestões ao projeto, que participaram da minha angústia, que sugeriram formas melhores de realizá-la, que me mostraram as suas limitações e tantas outras coisas.

Por isso, em primeira instância, é preciso agradecer a Lia Osório Machado, não só por ter orientado este trabalho, mas por compartilhar do entusiasmo de novas descobertas (um livro, uma notícia de jornal, uma nova rota etc.) que ajudaram a preencher o mapa com inúmeros quadrados, triângulos e setas. A Maurício Abreu, por me proporcionar uma inestimável oportunidade de aprendizado desde o início da graduação, quando ingressei muito “crua” em seu grupo de pesquisa. A prof^a Josilda, não só pelo incentivo e valiosas sugestões, mas por sua atitude decisiva como professora responsável pela disciplina Monografia. Ao meu namorado André pelo apoio, incentivo e por passar um ano escutando meu “papo drogado”.

A todos os amigos que fiz durante a graduação e nos grupos de pesquisa dos quais participei, especialmente a Adriana, Bernardo, Eduardo, Flavia, Jan, Márcia, Kátia, Ricardo, Paula, Maria Alice, Renata, Vladimir, Marcelo Alf e muitos outros, que tantas vezes partilharam o sonho e a angústia ao longo da elaboração deste trabalho.

A Jassanã e Ildione que, ao longo do convívio diário, tantas vezes aturaram minha ansiedade e pela disposição de ajudar sempre que possível.

Sem todas essas pessoas e outras que “injustamente” não foram mencionadas, esta monografia não teria sido feita.

A meus pais

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	2
I - TENDÊNCIAS ATUAIS DE ABORDAGEM DO NARCOTRÁFICO	4
II - AS DROGAS E SUAS ORIGENS	9
1 - Drogas: Uso e Abuso	9
2 - Os Tipos de Drogas	10
<i>Os Estimulantes</i>	12
<i>Os Depressivos</i>	12
<i>Os Alucinógenos</i>	13
<i>A Família da Cannabis</i>	13
<i>Os Narcóticos</i>	14
<i>Os Inalantes</i>	14
<i>Designer Drugs</i>	15
3 - Sobre as Origens das Drogas	15
3.1 - A Maconha	15
3.2 - A Coca e a Cocaína	17
3.3 - Os Opiáceos	18
III - DROGAS: REDES E ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL	21
1 - A Inserção do Brasil na Economia da Droga	21
2 - As Redes de Drogas no Brasil	24
<i>A Produção e o Consumo: Os Dois Extremos</i>	24
<i>A Rota de Mão-Dupla do Processamento de Cocaína</i>	27
<i>Os Inúmeros Caminhos da Droga</i>	29
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
BIBLIOGRAFIA	37
ANEXO	39

INTRODUÇÃO

É muito recente o processo de inserção do Brasil na economia da droga e tão pouco conhecido quanto pesquisado. Há duas décadas, o país foi incorporado pelos cartéis colombianos como caminho alternativo das rotas de trânsito de drogas que passavam pelo Caribe. Entretanto, nos últimos seis anos, o Brasil vem assumindo importância crescente em todas as atividades da economia da droga.

Por que este processo foi acelerado de forma tão extraordinária? Quais as atividades da economia da droga atualmente exercidas em território brasileiro? Como se constituem as redes de drogas no Brasil e qual a sua incidência espacial? Estas são algumas questões que, de maneira breve, este trabalho se propõe a investigar.

O objetivo geral desta monografia foi construir um mapa sobre os roteiros das drogas e analisar sua relevância para o entendimento das redes intra e inter-nacional de drogas, descrevendo por meios cartográficos e geográficos sua incidência espacial, tanto urbana quanto rural. Com a elaboração deste mapa desejava-se ter uma visão geral das rotas no Brasil em dois momentos: os anos 1989/90 e dos anos 1994/95. Como objetivo específico, pretendia-se classificar os diversos núcleos que fazem parte das redes de drogas brasileiros, não só em termos do trânsito e da exportação, mas também no que se refere à produção e ao processamento.

Se o fenômeno do narcotráfico é relativamente recente, pelo menos em termos da magnitude que assumiu neste final de século, ainda mais recentes são os estudos sobre o tema. Este é um dos fatores que - aliado ao fato do narcotráfico ser uma atividade ilegal e como tal as informações sobre o tema serem, em geral, estimativas - explica a dificuldade de se conseguir dados, e dados confiáveis. Não que esses dados não existam, mas estão em “gavetas” geralmente inacessíveis ao público em geral.

Entendidas estas limitações, o levantamento de informação concernente às áreas de produção, processamento, trânsito, exportação e consumo foi realizado em livros, artigos, periódicos e, especialmente, em relatórios. Entre jornais e revistas foram pesquisados majoritariamente o jornal O Globo, o Jornal do Brasil, a Folha de São Paulo, a revista IstoÉ, e a revista Veja, além dos jornais O Dia, o Estado de São Paulo e a revista Cadernos

do Terceiro Mundo. A maioria das reportagens data dos últimos 6 anos. Contamos também com algumas reportagens dos jornais *Expreso* e *El Comercio*, ambos peruanos.

Além disso, foi feito um levantamento de relatórios de organizações como a Drug Enforcement Administration (DEA), o Departamento de Estado dos Estados Unidos, a Organização das Nações Unidas (ONU), o Observatório Geopolítico da Droga da França (OGD) e a Polícia Federal brasileira. Como o acesso a estes relatórios é bastante restrito, a maioria das informações que trazem foi obtida através de sua publicação pela imprensa.

O mapeamento dos núcleos de trânsito e exportação foi feito não só com base nas apreensões de drogas veiculadas pela imprensa, mas também através de inferência. Descobrimos que a maioria destes núcleos são pontos de cruzamento rodoviário e pontos de transbordo. Estes foram, portanto, os critérios para a inferência.

Pela natureza dos dados e da ilegalidade do fenômeno do narcotráfico, não é possível ter certeza sobre todas as informações. Portanto, o mapa elaborado neste trabalho constitui apenas uma proposta.

O capítulo I visa levantar algumas tendências atuais de abordagem do narcotráfico e um quadro geral, ainda que incompleto e superficial, do universo atual da droga. No capítulo II são colocadas algumas informações sobre as características gerais das drogas, seus efeitos e suas origens. O capítulo III propõe-se à descrição do mapa das redes de drogas no Brasil (em anexo) e a uma análise de sua incidência espacial.

Esta monografia foi desenvolvida no âmbito do projeto “A Geografia das Drogas na Amazônia Sul-americana”, financiado pelo CNPq e pela Finep, coordenado pela Prof^a Lia Osório Machado.

I - TENDÊNCIAS ATUAIS DE ABORDAGEM DO NARCOTRÁFICO

Tão mais visíveis são o tráfico de drogas e sua relação com a violência nos grandes centros urbanos que costuma-se, na linguagem coloquial, chamar de narcotráfico a todas as atividades da economia da droga. Esta metonímia conceitual não só encobre suas outras dimensões, como também revela um certo desconhecimento deste fenômeno.

O narcotráfico não constitui apenas uma questão delinquencial - policial como parecem assinalar periódicos e outros meios de comunicação, como rádio e televisão. Esta é sua face mais exposta. Aos olhos do senso comum aparece um fenômeno analisado apenas de acordo com o contexto de conjunturas políticas de curto prazo e de acontecimentos cotidianos que invadem os diversos lugares do mundo, graças ao poder dos meios de comunicação. Segundo Tovar Pinzón (1993), estes renunciam à história pela simples descrição do acontecimento e tem, de forma consciente ou inconsciente, se interessado essencialmente por um problema: o tráfico e os traficantes.

Entretanto, abordar o narcotráfico apenas por essa via é uma simplificação grosseira que oculta a sua complexa realidade. O narcotráfico é um dos eixos de maior importância da América Latina com os Estados Unidos e tem implicações que envolvem questões estratégicas e de segurança nacional e coletiva. Deve ser entendido, em sua verdadeira dimensão, como um problema econômico, social e político transnacionalizado que desequilibra o Estado e a sociedade latino-americana (Chavez Alvarez, 1989).

Para Lavalle (1993), o aspecto sensacionalista com que tem sido tratado o narcotráfico parece ter razões que vão além da luta travada pelas sociedades industrializadas do norte contra a praga social do consumo. O autor questiona o protagonismo que à América Latina tem sido atribuído, quando se trata dos vínculos entre política e narcotráfico, uma vez que os meios políticos latino-americanos não são os únicos envolvidos em problemas semelhantes. Além disso, Lavalle considera curioso que, relativamente, tudo o que está relacionado com a heroína, provavelmente de muito maior periculosidade social, não suscite habitualmente tanto interesse por parte da mídia dos países consumidores dos derivados do ópio.

De fato, no contexto da guerra às drogas, a cocaína constitui uma prioridade que, segundo Proença Jr. (1994), tornou-se sinônimo de prioridade para a América Latina, em

especial para a Colômbia. Comparativamente com os Estados Unidos, a América Latina não constitui um grande mercado consumidor de cocaína. Quais seriam então as razões desta prioridade, se os esforços empreendidos em outras direções, tão ou mais importantes que o combate à produção, não são realizados de forma efetiva?

Segundo Proença Jr. (1994), logo se tornou evidente que, no país, não havia espaço para uma repressão interna aos consumidores, porque não havia meios de empreender um esforço punitivo de cerca de 20% da população norte-americana. Também ficaram evidentes as dificuldades de repressão às fontes abastecedoras de heroína (Afeganistão, Paquistão, Laos, Turquia), uma vez que isto seria “embaraçar a viabilidade de importantes aliados na luta anti-soviética”. Tampouco se poderia reprimir as fontes domésticas de drogas (maconha e designer drugs), não só porque os governos locais não se mostraram “abertos” à ação federal em áreas de sua competência, como também discordaram da abordagem repressora-punitiva da política republicana.

Walker (1993) destaca que o consumo de drogas nos Estados Unidos, antes de ser abordado como um assunto interno, foi convertido em supostamente internacional. Segundo o autor, além de ter a ver com a falta de capacidade de enfrentar o problema internamente, esta transformação se originou na busca de um novo papel para as forças armadas diante da guerra fria. Na década de 90, o narcotráfico se tornou o inimigo número 1 dos norte-americanos, papel atribuído ao comunismo nos anos 60 e ao terrorismo nos anos 80.

Entretanto, as medidas repressivas realizadas nos países produtores e distribuidores de drogas não têm tido o êxito esperado e costumam acarretar a mobilidade espacial destas atividades. Um conjunto de fatores parece explicar tal processo.

Em primeiro lugar, a coca e seus derivados são produtos de exportação. Atualmente, quando os preços de muitos produtos tradicionais de exportação caíram vertiginosamente ou paulatinamente, a coca/pasta de coca/cocaína segue sendo um dos poucos produtos latino-americanos altamente cotados no mercado externo (Lavalle, 1993).

Em segundo lugar, há, nestes países, uma numerosa população de empobrecidos que, muitas vezes, não tem à sua frente outras opções além de trabalhar a serviço do

narcotráfico.¹ Para Tovar Pinzón (1993), a decisão, por parte dos setores pobres da sociedade andina, de cultivar a coca não é produto de sua própria vontade, mas provém de outros fatores que têm a ver com seu próprio desenvolvimento e com as oportunidades que lhes oferece a sociedade capitalista. Estes setores, uma vez que se encontram marginalizados da economia, se lançam à órbita da ilegalidade, em busca de alternativas de satisfação rápida que a economia formal lhes tem negado.²

Deve-se levar em conta que a indústria de cocaína, embora concentre a riqueza nas mãos de um pequeno número de traficantes, propicia uma rede informal e clandestina de distribuição de renda. A mão-de-obra empregada a serviço do narcotráfico, quer seja na produção de pasta de cocaína, quer seja no cultivo de folhas de coca, tem melhorado o seu nível de renda em relação aos agricultores de produtos tradicionais. Daí a tendência de substituição de cultivos tradicionais pelos cultivos das folhas de coca. Este processo, por sua vez, tem acarretado problemas de abastecimento de produtos alimentícios em algumas regiões dos países andinos.

Um terceiro e último fator, de fundamental importância, é que pela primeira vez, após séculos de marginalidade, a folha de coca possibilita às classes baixas e pobres da América Latina uma forma de acumulação interna de capital. O momento, a partir do qual se estrutura uma economia da droga, ligada ao complexo coca-cocaína, aconteceu quando a coca deixou de ser uma mercadoria simples para se tornar uma forma de acumulação de capital (Machado, 1995).

O caso dos produtores parece ilustrativo. Estes não só ampliam seus cultivos para atender à demanda criada por novos consumidores, como também passam a ter a opção de produzir o sulfato de coca, a primeira etapa do processamento da cocaína. Embora seja uma

¹De acordo com dados da National Narcotics Intelligence Consumers Committee (NNICC), cerca de cinco milhões de latino-americanos dependem do cultivo e exportação da coca. Especialistas norte-americanos afirmam que 20% da força de trabalho da Bolívia, avaliada em 1,7 milhão de pessoas, vive da economia clandestina deste cultivo. Esta proporção é semelhante no Peru. Na Colômbia, de um total de 11 milhões de habitantes em condições de trabalhar, 9% está nas listas de pagamento das máfias das drogas. BARDINI, Roberto. Drogas: um novo poder transnacional. *Cadernos do Terceiro Mundo*, 174:23-30. Rio de Janeiro, Ed. Terceiro Mundo, agosto/1994.

²Não seria, a nosso ver, nenhum absurdo transpor esta situação ao caso brasileiro, no sentido de que semelhantes razões têm os setores mais marginalizados dos grandes centros urbanos para ingressar em organizações que traficam drogas.

atividade ilegal, esta transformação constitui um processo extremamente simples³ e propicia maiores lucros aos produtores.

Foi na industrialização da cocaína que muitos segmentos da população latino-americana encontraram um caminho para se tornarem “empresários” (Tovar Pinzón, 1993). Gomez Jara e Mora Hernandez (1998) assinalam que as máfias do narcotráfico conformam novos grupos de poder regional, nacional e internacional. Desnuda-se, aos olhos da sociedade, um entrelaçamento entre estados, polícias, empresas, bancos e máfias dedicado tanto à produção-distribuição da droga como à lavagem de dinheiro.

A internacionalização da cocaína fez mudar as estruturas de produção e de consumo da folha de coca e da cocaína. Para satisfazer a demanda dos novos compradores, os traficantes, se fez necessária a ampliação de cultivos, o que requer novas técnicas de produção e, muitas vezes, novas relações de trabalho. Os camponeses, muitas vezes, passam da condição de proprietários para a de peões nos seus territórios tradicionais. Seus mercados consumidores já não se constituem unicamente nos Andes e na Amazônia, mas em grandes centros urbanos e em sociedades que ainda não desenvolveram seu controle social (Tovar Pinzón, 1993).

“É já impossível negar a grande influência do tráfico de drogas nos países produtores. Os “narcodólares” pesam sobre a economia, as estruturas políticas, os costumes e as relações internacionais.” (Walker, 1993)

O panorama acima dá uma idéia das dificuldades de se enfrentar as organizações do narcotráfico e sugere que estamos longe de encontrar as devidas soluções para o problema, questão bastante polêmica entre os que tratam do assunto.

No Brasil, o tema droga vem sendo tratado majoritariamente em termos da vinculação do tráfico com a violência urbana. Alba Zaluar, por exemplo, faz uma leitura antropológica do tema com ênfase em aspectos sociais. O tema também vem despertando o interesse de vários jornalistas que tendem, como já foi dito, a se preocupar com a descrição do acontecimento, com aspectos relacionados sobretudo ao tráfico e, ainda, com a possibilidade de diagnosticar o problema. O geógrafo Marcelo José Lopes de Souza tem

³SOUTH, Robert B. Coca in Bolivia. *Geographical Review* 77:22-33. New York, American Geographical Society of New York, 1977.

seu interesse voltado para os impactos sócio-espaciais do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Deve-se mencionar também o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), que tem longa tradição de pesquisa sobre drogas, especialmente no que concerne ao seu consumo.

Não foram feitos estudos sobre drogas no Brasil com uma abordagem geográfica, nem as informações foram analisadas de forma integrada.

II – AS DROGAS E SUAS ORIGENS

1. Drogas: Uso e Abuso

Considera-se droga atualmente qualquer substância, natural ou sintética, lícita ou ilícita, que seja capaz de alterar o estado físico e/ou psicológico de seu usuário, quer seja consumida para fins medicinais ou recreativos.

Os usuários costumam apontar uma série de razões para justificar o consumo de drogas. Desde que se tenha em mente os efeitos desejados, há drogas para relaxar, levantar o astral, ingerir socialmente, inspirar a criatividade, aumentar o desejo sexual e o prazer, alterar o humor e até para chegar mais perto de Deus e de suas revelações (uso religioso) (Lyman, 1991).

Contudo, estas razões, que são geralmente colocadas no nível das opções individuais, devem ser postas em outro patamar de discussão, dentro de uma visão global, histórica e crítica.

Diversas são as formas de abordar o assunto. Oficialmente, o uso/abuso de drogas é tratado como uma manifestação individual, imoral, patológica e ilegal. A medicina o trata como uma enfermidade; a psicologia o reduz à farmacodependência; a antropologia o considera como uma distorção dos ritos tradicionais e a sociologia o qualifica como anomalia, desvio ou subcultura marginal (Gomez Jara e Mora Hernandez, 1988).

Para Gomez Jara e Mora Hernandez (1988), qualquer que seja a abordagem deste problema, os usuários de drogas - muitas vezes induzidos ao uso pela sociedade - são sempre os únicos responsabilizados pelo seu comportamento, deixando-se de lado a verdadeira função social desempenhada pela droga.

Em meio à confusão dos dias atuais, as pessoas tendem a perder o interesse, a capacidade e a resistência. Coloca-se então o perigo eminente da baixa produtividade e da qualidade deficiente; de conflitos e desavenças sociais. Lícita ou não, a droga tem um papel funcional dentro da sociedade, uma vez que colabora no processo de adaptação do indivíduo ao meio social e no processo de controle social das massas insatisfeitas. Estimula, evade, tranqüiliza, sensibiliza ou narcotiza os indivíduos, conforme os papéis que

a estes cabe desempenhar: empresários, desocupados, donas de casa, artistas e trabalhadores, respectivamente.

Entretanto, a cada um cabe uma dose que, quando ultrapassada, pode constituir ameaça ao ritmo de trabalho do indivíduo e, portanto, a ordem econômica ou pública. Os que o fazem são rotulados de enfermos e considerados responsáveis únicos de sua conduta. Devem então ser submetidos a teorias culpabilizadoras com o intuito de que aceitem sua culpa e diminuam sua dose, sem que haja preocupação com as causas culturais ou sociais que os levaram ao uso, sem atingir os verdadeiros responsáveis pela situação.

“El sistema social no puede reconocer publicamente que para su funcionamiento requiere que los hombres se droguem; significaría aceptar lo intrinsecamente inhumano de su estructura. Monta entonces un aparato jurídico-educacional-religioso-médico-psicológico tendiente a definir el consumo de drogas como una responsabilidad individual.” (Gomez Jara e Mora Hernandez, 1988)

2. Os Tipos de Drogas⁴

As drogas podem ser agrupadas em categorias ou famílias de substâncias conforme os efeitos que são capazes de provocar e as matérias-primas de que são feitas. A tabela 3.1. enumera as principais drogas, as famílias de substâncias a que pertencem e seus lugares de origem.

⁴A descrição das características gerais das drogas e de seus efeitos aqui descritos foi largamente baseada em : LYMAN, Michael and PETTER, Gary W. *Drugs in Society: Causes, Concepts and Control*. Cincinnati (OH), Anderson Publishing Co, 1991.

TABELA 3.1: TIPOS DE DROGAS

FAMÍLIAS	PRODUTO	ORIGEM	DATA	
ESTIMULANTES	Tabaco Nicotina	América Europa	?A.C. século XVI	
	Café Cafeína	África Europa	? A.C. 1829	
	Coca (<i>Erythroxylon coca</i>) Cocaína Crack	América Alemanha EUA	c. 2500 A.C. 1858 1980' s	
	Anfetaminas (inibidores de apetite)	Alemanha	1912	
	DEPRESSIVOS	Álcool	Eurásia/América	? A.C.
Barbitúricos (calmantes)		Alemanha	1903	
ALUCINÓGENOS	LSD (<i>Claviceps purpureus</i>)	Suíça	1938	
	Peyote Mescalina	América Central EUA	c. 1000 A.C. 1880' S	
	PCP(fenciclidina)	EUA	1959	
<i>CANNABIS SATIVA</i>	Maconha/Marijuana	Índia	c. 2000 A.C.	
	Haxixe	Ásia	?	
NARCÓTICOS	Ópio (<i>Papaver somniferum</i>) Morfina Heroína	Índia, Sumeria Alemanha Alemanha	c. 2000 A.C. 1828 1874	
	INALANTES	Éter (líquido)	Alemanha	1730
		Acetona	Alemanha	1839
Cola de sapateiro				
Alcalóide Efedrina		China	c. 3000 A.C.	
<i>DESIGNER DRUGS</i>	MDMA (Ecstasy)	Alemanha	1914	
	Ice	Japão	1980' s	
	China white			

Fontes diversas.

Organização: Lia Osório Machado, Depto de Geografia/UFRJ. Elaboração: Rebeca Steiman.

Os estimulantes

A família dos estimulantes compreende as drogas que excitam ou estimulam o sistema nervoso central do usuário. As mais comuns são a nicotina, alcalóide encontrado nos produtos feitos de tabaco, e a cafeína, substância estimulante que existe no café, também encontrada em refrigerantes e chás. Ambas são perfeitamente legais e seu uso é aceito em nossa cultura, embora possam gerar problemas de saúde. Estas substâncias são geralmente usadas para fins recreativos, mas seu uso moderado pode aliviar a fadiga.

Também são substâncias estimulantes as anfetaminas, a coca e seus derivados (a cocaína e o crack). Em geral, fazem com que o usuário se sinta mais forte, alerta e decidido sob o seu efeito. Na verdade, as sensações são ilusórias e podem levar o indivíduo a sobrevalorizar suas capacidades físicas e mentais, o que pode lhe provocar sérios danos.

Além do bem-estar e euforia, estas substâncias podem provocar irritabilidade, excitação e perda de apetite. Quando os efeitos se extinguem, o indivíduo pode experimentar uma sensação de exaustão repentina, seguida de dores de cabeça e até paranóia. Dependendo da droga e da personalidade do indivíduo pode ocorrer a dependência química e psíquica do usuário. Este passa então a necessitar de doses cada vez maiores do que as habituais, podendo chegar à morte por *overdose*.

Os depressivos

São as drogas que deprimem o sistema nervoso central do usuário. São comumente usadas, sob orientação médica ou não, para combater a ansiedade, a irritabilidade, a tensão e a insônia. Assim como as substâncias estimulantes, os depressivos podem levar os usuários a uma situação de dependência e, em alguns casos, à morte. Pertencem a esta categoria o álcool, os tranqüilizantes e os barbitúricos.

Os alucinógenos

São substâncias que alteram mais ou menos profundamente os estados de consciência, a atividade dos sentidos, a percepção do espaço e do tempo e a percepção da própria individualidade e do corpo.

As substâncias alucinógenas podem ser naturais, como o LSD (sigla de dietilamida do ácido lisérgico, um alucinógeno obtido do fungo *Claviceps purpureus*) e a mescalina (componente psicoativo do Peyote) ou sintéticas, como a fenciclidina, mais conhecida como PCP.

A família da Cannabis

Embora a família da *Cannabis* seja apresentada aqui como uma categoria à parte, o grupo de substâncias que a ela pertencem são geralmente classificados como alucinógenos.

Pertencem a esta família de substâncias a maconha e o haxixe. A maconha é o nome popular da *Cannabis*, gênero com três espécies de plantas arbustivas parecidas: *Cannabis sativa*, *Cannabis indica* e *Cannabis ruderalis*. Os galhos de floração (extremidades das plantas com folhas, talos, brotos e sementes) são consumidos sob a forma de cigarro e contêm de 1 a 6% de cannabinóis, um grupo de substâncias psicotrópicas que provocam relaxamento muscular, sensação de bem-estar, aumento da irrigação sanguínea e alteração da percepção (Hoobler, 1988).

O haxixe, por sua vez, é um concentrado de flores, folhas e resina de maconha, com efeitos mais intensos que os da forma não concentrada da planta (Hoobler, 1988).

O THC (tetrahydrocannabinol), o princípio ativo da maconha, representa 1% do peso total da maconha e 14% do peso total do haxixe. Tem se revelado uma das substâncias mais potentes para prevenir a náusea e o vômito causados pelo tratamento quimioterapêutico em pacientes com câncer. Já é usada com este fim em países como os Estados Unidos e o Canadá. A droga vem embalada em cápsulas gelatinosas e comercializada sob os nomes de Marinol e Nabilone. Nos Estados Unidos, o governo controla fazendas de cultivo da

Cannabis sativa no estado do Mississippi, de onde se retira o THC para a produção dos medicamentos.⁵

Os narcóticos

Os narcóticos são, em geral, o ópio e seus derivados: a morfina e a heroína. Também pertence a este grupo a codeína (ou metadona), um opiáceo sintético que produz efeitos similares aos da morfina e é usado em tratamentos de câncer terminal. Atualmente, esta droga é utilizada também no tratamento de dependentes de heroína, embora ela própria também cause dependência.

Os opiáceos foram originalmente desenvolvidos como anestésicos em tratamentos médicos, mas também são largamente utilizados pela agradável sensação de torpor que proporcionam, descrita pelos usuários, como a própria felicidade. Viciam em poucas doses e podem levar à intoxicação e à morte.

Os inalantes

Constituem um grupo de produtos químicos que podem causar distúrbios visuais e reduzir o controle muscular e dos reflexos. São consideradas drogas muito perigosas porque podem causar a morte súbita do usuário por sufocamento, colapso respiratório ou ataque cardíaco. Gomez Jara e Mora Hernandez (1988) os consideram como uma forma de controle social, já que são largamente consumidos por crianças e adolescentes pobres nos países subdesenvolvidos.

Os inalantes não são drogas em si, mas utilizadas com este fim. Estão incluídas neste grupo: solventes, gasolina, cola de sapateiro, esmaltes, vernizes, fluidos de isqueiros e odorizadores de ambiente, entre outros.

⁵Veja, 07/06/95.

As Designer drugs

São as drogas sintéticas com estrutura química similar (mas não idêntica) à de drogas ilícitas. Produzem efeitos semelhantes, mas em muitos casos não são consideradas ilícitas.

São produzidas à base de uma nova tecnologia que consiste em ressintetizar drogas já existentes até o ponto em que estas provoquem os mesmos efeitos nos usuários. Como a estrutura molecular da droga é alterada, estas não são definidas como ilegais.

Na verdade, a maioria das *designer drugs* não só reproduz os efeitos de drogas ilícitas, como os potencializa. O *skank*, por exemplo, é uma espécie de maconha produzida em laboratório, que pode conter até 20 vezes mais o teor de THC da maconha.

Como foram criadas e são produzidas em laboratórios localizados nos países industrializados do norte, constituem um elemento que coloca por terra a acusação de que os países subdesenvolvidos são os únicos responsáveis pelo consumo de drogas em escala mundial. As *designer drugs* fazem dos países consumidores países produtores também.

3. Sobre as Origens das Drogas⁶

A maconha

Maconha, marijuana, diamba, liamba, fumo de angola são alguns dos nomes populares da *Cannabis*. Originária da Ásia Central e Ocidental, a maconha se estendeu por todas as regiões temperadas e quentes até a Índia.⁷

Há mais de 2.000 anos a.C. a maconha já era conhecida na Índia, china e Egito pelos seus efeitos medicinais. Suas fibras, longas e flexíveis, também já eram empregadas desde a mais remota antiguidade na manufatura têxtil.

Não se sabe ao certo desde quando os asiáticos preparam o haxixe, mas a origem de seu nome é atribuída a uma lenda que pode dar indícios de sua antiguidade. Conta a lenda

⁶Neste ítem serão abordadas apenas as origens das drogas que apresentam grande relevância no contexto da América Latina e do tráfico internacional de drogas.

⁷IGLESIAS, Francisco de Assis. Sobre o vício da diamba. In: *A maconha - Coletânea de trabalhos brasileiros*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1951.

que houve no Líbano um príncipe, Hassabem-Samar-Homaisi, apelidado de velho da montanha, que viveu por volta de 1.090 e 1.160 d.C. Dizia-se que o príncipe conseguia tudo o que queria, até mesmo o assassinato de seus adversários mediante a ação do haschisch.⁸ O príncipe fazia com que seus soldados tomassem o haschich para fanatizá-los e dar-lhes, assim, fúria e intrepidez quando fossem assassinar os inimigos. A lenda chamou-lhe, por isto, príncipe dos haschichinos, daí a origem árabe da palavra assassino.⁹

Curiosidades à parte, até o início do século a maconha era empregada, inclusive no Brasil, no tratamento de pessoas com asma. Naquela época, à semelhança de outras drogas cujo consumo hoje é proibido por lei, a maconha era vendida como uma espécie de maravilha curativa. Entre 1842 e 1900, a erva respondia por metade do receituário médico prescrito nos Estados Unidos.¹⁰

No Brasil do início do século, o uso da maconha era restrito aos morros e favelas. Entre os intelectuais e milionários que iam estudar na Europa, o uso da morfina já era uma moda, assim como o da cocaína entre artistas e membros da alta sociedade. Entretanto, o maior ímpeto repressivo era aplicado sobre os usuários da maconha, que eram acusados de envolvimento com a criminalidade.¹¹

A partir dos anos 60 podem ser observadas mudanças no perfil do usuário da maconha. Saindo dos meios miseráveis, a maconha conquistou a classe média, especialmente a geração *hippie* e os jovens. O aumento da criminalidade deixa então de ser associado com os usuários da maconha e passa a ser relacionado com a estrutura do tráfico.

A coca e a cocaína

A coca é o nome popular do gênero *Erytroxylum*, que tem cerca de 250 espécies em todo o mundo. As únicas que contêm cocaína são as duas espécies sul-americanas: *Erytroxylum coca* e *Erytroxylum novogranatensis*. A *Erytroxylum coca* é originária da Bolívia e do Peru e tem duas variedades: a coca e o epadú. Esta espécie é considerada de melhor

⁸A palavra haschich tem origem árabe e significa a erva por excelência.

⁹BARBOSA, Oscar. O vício da diamba. In: *A maconha - Coletânea de trabalhos brasileiros*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1951.

¹⁰Veja, 07/06/95.

¹¹FON, Antônio Carlos. O Brasil na rota das drogas. In: *Crime e Violência*. São Paulo, Nova Cultural 1988.

qualidade e é a mais usada para a fabricação da cocaína, já que tem um maior teor deste alcalóide. A *Erythroxylum novogranatensis* cresce no Peru e na Colômbia e também tem duas variedades: a novogranatensis propriamente dita (de Nueva Granada) e a variedade truxillense (a coca de Trujillo). Também chamada de tupa coca, coca noble ou coca dulce, a truxillense era preferida pelos incas pelo seu gosto mais doce. É esta coca que é exportada legalmente para a fabricação de refrigerantes.¹²

Segundo Cabieses (1992), desde épocas imemoriais a coca vem sendo reverenciada pelos povos da região andina e, em alguns casos, chegou a ser considerada uma divindade. Fazia parte de uma multiplicidade de cerimônias religiosas, ritos funerais e mágicos em quase todas as culturas pré-colombianas desta região. Seu efeito sobre o organismo humano abolindo a fadiga, a dor e a fome sempre foi considerado como algo sobrenatural e seu culto não somente teve uma importância religiosa, mas também política ao extremo de que uma das imperatrizes, esposa do inca Mayta Ccapac, adotou o nome sagrado de Mama Coca.¹³

Em tempos pré-incaicos, era um costume generalizado, freqüente em todas as classes sociais e econômicas, colocar pequenas bolsas (chuspas) cheias de folhas de coca nos túmulos para reconfortar o morto em sua viagem prolongada até o “outro lado”. Segundo Cabieses (1992), esse costume manteve-se também em período incaico, mas o consumo da coca durante a vida era um privilégio muito exclusivo da elite imperial e o cidadão comum só a consumia em ocasiões muito especiais.

Durante a conquista espanhola, a coca se converteu em centro de uma agitada discussão. Depreciada pelos conquistadores que consideravam seu uso um hábito repugnante, as massas indígenas, famintas e fatigadas, passaram a ter fácil acesso à coca. Aliás, esta era um barato substituto do salário e da alimentação do trabalhador índio.¹⁴

¹²Através de canais oficiais e legais, o Peru envia à New Jersey uma quantidade apreciável da coca de Trujillo. Lá esta é descocainada e forma o misterioso composto 7x da coca-cola. Além dos ingredientes normais, a mistura carbonatada contém todos os componentes não-alcalóidicos da folha de coca e é chamada de extrato não-narcótico de folhas de coca descocainadas. Desta maneira, pode-se dizer que a coca-cola tem coca. Leis dos Estados Unidos não permitem que um produto comercializado tenha um nome de um produto natural que não entre na fórmula. CABIESES, Fernando. *La Coca. Dilema Trágico?* Lima, Enaco, 1992.

¹³CABIESES, Fernando. Op. cit.

¹⁴CABIESES, Fernando. Op. cit.

Seu uso se generalizou durante a colonização. Entretanto, a coca não constitui apenas um mero estimulante capaz de aliviar a dor e o cansaço, mas também um meio essencial de integração social e de solidariedade humana no mundo andino.

Chamada por Cabiezes de “filha maldita da coca”, a cocaína foi sintetizada em 1857 pelo alemão Albert Niemann, que publicou sua descoberta em 1860. Em 1863, Angelo Mariani já havia consolidado seu uso em Paris. A coca era vendida em chás, elixires e nos vinhos Mariani, que logo ficaram muito populares por toda a Europa. O sucesso destes produtos logo chegou aos Estados Unidos, onde eram comercializados pelos laboratórios Parke Davis. O prestígio dos *cordiales* da coca e dos vinhos Mariani era tanto que estes produtos chegaram a ser recomendados por Thomas Edson e pelo presidente Mac Kinley.¹⁵

Sua popularidade desde então passou por altos e baixos. Inicialmente vendida como a panacéia de todos os males, a cocaína foi perdendo o prestígio quando foram descobertos seus efeitos perigosos, até ser finalmente proibida pela Convenção de Haia, em 1912.

Os opiáceos¹⁶

As propriedades calmantes, soníferas e anestésicas do ópio já são conhecidas há mais de 4.000 anos. O ópio é extraído da papoula, planta anual herbácea da família das papaveráceas. Originária da região mediterrânea oriental, a papoula está adaptada aos climas quentes. O processo de extração de seu sumo é relativamente complexo, portanto, os antigos comiam a flor inteira ou a maceravam para obter o sumo.¹⁷ Na Mesopotâmia, os sumérios curavam doenças com infusões obtidas a partir da papoula. Mais tarde, os assírios e depois os babilônios herdaram a arte de extrair o suco leitoso dos frutos para fazer remédios.

Hipócrates foi um dos primeiros a descrever seus efeitos medicinais contra diversas enfermidades. Mais tarde, um médico grego em Roma, dois séculos depois de Cristo,

¹⁵CABIESES, Fernando. Op. cit.

¹⁶Este item foi amplamente baseado em ZACKON, Fred. *Heroína*. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

¹⁷O ópio é encontrado na vagem da flor. Após a queda das pétalas e folhas, os agricultores fazem dois cortes horizontais na vagem com uma faca. A resina que brota dos cortes endurece e constitui o ópio. Fervido, com a adição de produtos químicos, o ópio torna-se a base da morfina. Um refinamento posterior, feito em laboratório, produz a heroína. HOOBLER, Thomas. *Crime e Violência*. Op. cit.

padronizou a preparação do ópio com uma fórmula (o mitridato) que receitava aos gladiadores.

Por volta do século VII, turcos e árabes islâmicos da Ásia Ocidental descobriram que efeitos mais poderosos da droga eram obtidos pela inalação da fumaça do suco da papoula solidificada. Ampliam seus cultivos e passam a obter grandes lucros com sua comercialização em novos mercados. Seu uso logo se difundiu na Índia e na China, para aliviar a dor, a fome e as agruras da subnutrição.

Apenas no começo do século XI é que os médicos árabes notam que o organismo desenvolve tolerância aos efeitos do ópio, isto é, que uma pessoa precisa usar mais ópio para obter os mesmos efeitos de antes.

No começo do século XVI, o uso do ópio já era difundido pela Europa, mas diminuiu quando a Igreja Católica passa a controlar os remédios. Nesta época, um médico e alquimista suíço, Paracelso, elaborou um concentrado de suco de papoula - o láudano. As teorias de Paracelso e as de seus seguidores de que o uso do láudano tinha o poder de curar muitas doenças e até de rejuvenescer, disseminaram o seu uso em todo o mundo ocidental tornando-o popular durante o século XVIII. Com a expansão das rotas comerciais, o ópio já se tornara uma droga universal.

No início do século XIX, autorizada pela Coroa britânica, a Companhia das Índias Ocidentais passa a deter o monopólio da venda do ópio no sudeste asiático e chegam ao controle do comércio com o oriente, até então dominado pelos árabes. As guerras do ópio na China, já suficientemente conhecidas, só tem seu desfecho em 1856, com o Tratado de Nanquim.

Em 1803, Frederick Sertuener, um cientista alemão, tendo observado que os diferentes subprodutos da papoula produziam diferentes efeitos, procurou isolar os elementos narcóticos do ópio. No mesmo ano, obteve um cristal alcalóide de efeitos muito intensos a que denominou morfina. Seu uso popularizou-se sobretudo a partir de meados do século XIX, devido à invenção e ao aperfeiçoamento da seringa hipodérmica, que tornou a aplicação da droga mais eficaz, dada a rápida absorção pela corrente sanguínea.

Em 1874, C. R. Wriecht, um químico inglês, sintetizou a diacetilmorfina, que só 25 anos depois ficou conhecida do público. Em 1898, Heinrich Dresser, um químico da Bayer, também obteve a diacetilmorfina. Logo, a empresa alemã Bayer iniciou a produção

industrial da substância, batizando-a com o nome de heroína que, com o tempo, deixou de ser marca comercial tornando-se o nome comum da droga.

No final do século XIX, a heroína foi objeto de intensa campanha comercial. Era indicada contra a tosse e outras enfermidades. Entretanto, os pesquisadores logo descobrem que a heroína produzia a mesma dependência característica da morfina. A Bayer suspendeu a propaganda, mas continuou a distribuir o produto, que permaneceu disponível por toda uma geração em laboratórios de todo o mundo.

Nenhuma droga teve o prestígio medicinal do ópio e de seus derivados.

III - DROGAS: REDES E ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL

1. A inserção do Brasil na economia da droga

Em passado recente, muitas das discussões a respeito da economia da droga pareciam aos brasileiros algo exterior à sua realidade.¹⁸ Em mapas que tratavam da distribuição territorial do narcotráfico na América do Sul, o território brasileiro era apenas um espaço em branco. Nenhum representante do governo brasileiro foi chamado a comparecer à Cúpula anti-drogas de Cartagena, em 15 de fevereiro de 1990, na Colômbia; nem tampouco à Cúpula de San Antonio, realizada nos dias 26 e 27 de fevereiro de 1992, no Texas, nos Estados Unidos. Fatos que nos levam a crer que se descobriu tardiamente a verdadeira importância do Brasil na economia da droga.

Sabe-se que, ao menos desde 1984, o Brasil já havia sido incorporado pelo Cartel de Medellín como rota de trânsito.¹⁹ A partir de 1989, com a invasão do Panamá, tropas norte-americanas passaram a controlar de forma mais efetiva o espaço aéreo do Caribe. Em decorrência, as grandes organizações de tráfico de drogas colombianas foram obrigadas a buscar outras plataformas de exportação. De fato, se até então o país era apenas um caminho alternativo e esporádico, a partir de 1989 a economia da droga se expandiu de tal forma que, hoje, o Brasil atua, com magnitudes diferenciadas, em todas as atividades da economia da droga.

Além de produzir epadú e maconha, o país é um espaço de trânsito, um entreposto para estocagem e uma plataforma de exportação. Atua em “mão-dupla” no que se refere ao processamento das folhas de coca, já que possui laboratórios para o refino da cocaína e é um grande, senão o maior, fornecedor de produtos químicos necessários à fabricação da cocaína aos laboratórios clandestinos de países vizinhos. Ocupa ainda o segundo lugar na lista mundial de lavagem de dinheiro proveniente do narcotráfico na América do Sul, de

¹⁸Deve-se fazer uma ressalva ao que diz respeito ao consumo, ao tráfico e à violência com este relacionada nos grandes centros urbanos.

¹⁹Informação fornecida pela Divisão de Repressão a Entorpecentes da Polícia Federal. Estado de São Paulo, 04/01/95.

acordo com o Relatório Anual sobre Controle Internacional de Narcóticos, elaborado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos.²⁰

Esta extraordinária expansão da economia da droga em território brasileiro realizou-se nos últimos seis anos e tem suas causas em processos que extrapolam o contexto brasileiro.

É difícil precisar o momento exato em que cada uma destas atividades passou a ser exercida de forma efetiva no país. Claro está que a invasão do Panamá teve papel fundamental no desencadear deste processo, especialmente no que se refere ao destaque que o país passou a ter como rota de trânsito e plataforma de exportação, chegando a ser o maior centro distribuidor da cocaína colombiana aos mercados consumidores dos Estados Unidos e da Europa.

Outros fatores podem ter tido influência no processo de expansão da economia da droga no Brasil. É interessante notar que em plena “Década contra o uso indevido de drogas” - o período que vai de 1991 até o ano 2000 - proclamada pela Organização das Nações Unidas em 23 de março de 1990, pouco se avançou no combate à produção, ao tráfico e ao consumo de drogas. Ao contrário das expectativas dos órgãos repressores, a primeira metade desta década constituiu-se num período extremamente favorável ao crescimento destas atividades. Nem mesmo no final do século passado e no início deste, conheceu-se período tão propício ao desenvolvimento destas atividades. Nessa época, não só a cocaína e o ópio (e seus derivados) eram drogas permitidas, como também foram objeto de propaganda maciça, sendo considerados a panacéia para todos os males, inclusive a dependência de drogas.

Uma das mais notórias conquistas da luta anti-drogas da década ocorreu em 1993, quando foi capturado e morto o colombiano Pablo Escobar, líder do Cartel de Medellín e símbolo mundial do êxito do narcotráfico. Os acontecimentos posteriores deixam dúvidas não só sobre as verdadeiras intenções por trás dos discursos de combate ao narcotráfico, mas também sobre as reais possibilidades de alcançar objetivo tão audacioso. Depois de um relativo período de bonança, voltou a tempestade: em 1994, a polícia apreendeu, na Colômbia, 42 toneladas de cocaína contra 37 toneladas apreendidas durante o ano de 1992 e 31 toneladas em 1993. Em 1994, os roubos a entidades financeiras no país se

²⁰O relatório, embora publicado em 1993, se refere ao ano de 1992. Folha de São Paulo, 18/04/93.

multiplicaram por quatro em relação ao ano anterior e o aumento do número de processos de lavagem de dinheiro e contrabando sugere que a atividade passa por um período favorável. Com o “desmantelamento” do Cartel de Medellín, apareceram e se multiplicaram pequenos traficantes, o que tornou mais difícil o controle das atividades do narcotráfico.²¹

O Cartel de Medellín não deixou de existir, mas perdeu grande parte de sua capacidade organizacional, deixando espaço para o crescimento do Cartel de Cáli. Ao que tudo indica, este parece ser um “inimigo” ainda mais difícil de ser enfrentado, principalmente levando-se em conta sua atitude, menos ostensiva e violenta que a de seu antecessor. O Cartel de Cáli transformou a prática de suborno no instrumento principal para obter a aquiescência do governo e da polícia. Parece ter maior capacidade organizacional e vem tendo êxito em sua estratégia de ampliação de rotas e mercados, bem como na diversificação de suas “mercadorias”. Investiu na produção de ópio e são cada vez mais significativas as apreensões de heroína no continente, inclusive no Brasil.

O combate às drogas trouxe, em seu bojo, outras mazelas. Atualmente, o combate à lavagem de dinheiro proveniente do narcotráfico é considerado o ponto-chave da “guerra às drogas” no discurso de grandes organizações internacionais especializadas no assunto, sobretudo nos Estados Unidos. Entretanto, este debate já esteve centrado em políticas repressivas à produção de drogas, isto é, numa estratégia de erradicação e substituição de cultivos e de repressão policial a laboratórios de processamento da cocaína.

Uma estratégia centrada no combate à produção não poderia ser menos “ingênuas”. Não só a demanda permanece, como os lucros envolvidos são demasiadamente grandes e a produção demasiadamente simples para que se obtenha sucesso no combate ao narcotráfico desta forma (Walker, 1993).

As pressões exercidas nesta direção em países como Colômbia, Peru e Bolívia levaram os cartéis colombianos a buscar países vizinhos onde a atmosfera política fosse mais propícia a seus negócios. Segundo o Relatório Anual do Departamento de Estado dos Estados Unidos, o Brasil é o primeiro numa lista de 40 países onde os cartéis colombianos da droga estenderam seus negócios.²²

²¹ILHESCA, Marlise. Narcotráfico prospera sem Escobar. *Jornal do Brasil*, 03/12/94.

²²Folha de São Paulo, 30/04/95.

2. As redes de drogas no Brasil

A produção e o consumo: os dois extremos

A maconha é a droga ilícita mais consumida em todo o mundo²³ e parece ser uma preferência em todas as classes sociais.

Segundo pesquisas realizadas desde a década de 80 pelo CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas), vinculado à Escola Paulista de Medicina, a maconha é a quarta e a cocaína é a nona droga mais consumida entre estudantes de 1º e 2º graus. As pesquisas foram realizadas em dez capitais brasileiras. Embora haja variações na preferência dos estudantes de acordo com as cidades em que foram entrevistados (vide quadro 4.1), as três drogas mais consumidas são os solventes, os ansiolíticos e as anfetaminas. Os resultados apontam também para um consumo bem mais elevado do álcool e do tabaco, conforme demonstra o quadro 4.2.

Em pesquisas feitas pelo NEPAD (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas), vinculado à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, foram entrevistados 751 alunos de 10 escolas públicas de 1º e 2º graus, na zona da Leopoldina, na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados apontam para um aumento do consumo de maconha e cocaína entre os jovens. Estudos anteriores do NEPAD verificaram que 3,3% dos jovens entrevistados já haviam experimentado maconha e 2% a cocaína. Na última pesquisa, realizada em 1994, observou-se um aumento no percentual para ambos os casos: 5,9% dos entrevistados já haviam experimentado a maconha e 3,5% a cocaína. Além disso, 82,8% já haviam consumido álcool, 7,4% já inalaram solventes e 10% dos jovens já usaram tranqüilizantes.

²³ O Globo, 22/12/91.

QUADRO 4.1: DROGAS MAIS USADAS NAS CAPITAIS*

CAPITAIS	PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Belém	solventes	maconha	ansiolíticos
Belo Horizonte	solventes	ansiolíticos	maconha
Brasília	solventes	maconha	ansiolíticos
Curitiba	solventes	maconha	ansiolíticos
Fortaleza	solventes	ansiolíticos	maconha
Porto Alegre	solventes	maconha	ansiolíticos
Recife	solventes	ansiolíticos	maconha
Rio de Janeiro	solventes	ansiolíticos	anfetamínicos
Salvador	solventes	ansiolíticos	anfetamínicos
São Paulo	solventes	maconha	ansiolíticos

* percentual entre estudantes de 1º e 2º graus que usaram drogas pelo menos uma vez na vida.

obs: não inclui álcool e tabaco.

Fonte: Folha de São Paulo, 04/11/94

QUADRO 4.2: CONSUMO DE DROGAS, ÁLCOOL E TABACO NAS PRINCIPAIS CAPITAIS *

Capitais	Drogas	Álcool	Tabaco
Belém	1,8	16,7	5,0
Belo Horizonte	4,5	23,9	7,3
Brasília	3,1	16,7	5,0
Curitiba	3,1	20,1	5,9
Fortaleza	2,4	14,8	3,7
Porto Alegre	3,1	20,3	5,9
Recife	3,4	18,1	4,9
Rio de Janeiro	3,4	17,8	3,6
Salvador	2,5	18,2	5,0
São Paulo	3,2	19,7	6,6
Média	3,0	18,6	5,3

* percentual entre estudantes de 1º e 2º graus que usam drogas pelo menos 6 vezes ao mês.

obs: dados referentes a 1993.

Fonte: Folha de São Paulo, 04/11/94

Averiguou-se ainda que a idade média de início de consumo mudou. Os jovens entrevistados anteriormente experimentavam cocaína, em geral, com 15 anos e, em 1994, passaram a fazê-lo com 13,7 anos. A idade média de início de consumo da maconha não variou significativamente, passando de 14 para 14,2 anos em 1994.²⁴

Se o consumo da maconha aumentou, não faltam regiões produtoras no Brasil para atender a demanda. O cultivo da maconha é feito, na maioria dos países, com destino ao mercado interno. Acredita-se que o preço relativamente baixo da maconha não justifique o investimento em rotas de trânsito internacionais com grandes distâncias entre as regiões produtoras e os mercados consumidores. Além disso, a maconha é produzida em quase todo o mundo. Segundo a Interpol, os principais mercados consumidores são os Estados Unidos e a Europa Ocidental e as principais áreas de produção localizam-se no Oriente Médio e Próximo, no sudeste asiático e nas Américas Central e do Sul.²⁵ Portanto, a difusão do plantio da maconha, provavelmente, não justifica que se percorra grandes distâncias para a sua obtenção.

No Brasil, há plantações de maconha disseminadas por todo o território, mas as principais áreas produtoras se encontram localizadas na região nordeste, sobretudo em Pernambuco e no Maranhão.

Em 1988, Pernambuco foi considerado pela DEA (Drug Enforcement Agency) o maior produtor mundial de maconha.²⁶ As áreas de produção do estado se localizam, primordialmente, ao longo dos vales do rio São Francisco e do rio Pajeú, na fronteira com a Bahia. Três municípios do estado se destacam em termos de volume da produção: Cabrobó, Bodocó e Floresta.²⁷ Em Floresta, alguns produtores locais usaram financiamentos do Banco do Brasil para produzir maconha. Obviamente, os recursos eram destinados à produção de outras culturas. O fato, que ocorreu no final da década de 70, foi amplamente divulgado pela imprensa e ficou popularmente conhecido como “Escândalo da Mandioca”.

Com uma produção anual estimada em 7 toneladas, o Maranhão é o segundo maior produtor de maconha no país. A Polícia Federal estima que cerca de 70% da produção provém de seis aldeias indígenas localizadas nos municípios de Amarante, Grajaú, Arame e

²⁴O Globo, 24/08/95

²⁵O Globo, 22/12/91.

²⁶O Globo, 29/06/88.

²⁷O Globo, 12/01/92.

Barra do Corda. Semeada por índios guajajaras desde o século XIX²⁸, a maconha é consumida como remédio, como estimulante e em rituais festivos nas aldeias. Entretanto, este hábito cultural vem se transformando em fonte de renda, obtida através da venda da maconha, que parece ocorrer basicamente de três maneiras: os índios vendem pequenas quantidades da droga diretamente ao consumidor não-índio, vendem grandes quantidades para traficantes ou vendem-na a índios de outras aldeias que se encarregam de revendê-la.²⁹

O padre Carlos Ubbiali, coordenador do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), afirma que os guajajaras desconhecem a dimensão do problema advindo da venda da droga e suspeita que os traficantes sejam os verdadeiros proprietários das grandes plantações nas áreas indígenas.³⁰ O acesso a estas áreas é proibido sem a autorização da Fundação Nacional do Índio, inclusive para a Polícia Federal.

São também em áreas indígenas que os traficantes colombianos vão buscar o epadú, uma variedade da coca que cresce na Amazônia. O epadú é cultivado há séculos por índios na região denominada “Cabeça de Cachorro”, no alto vale do rio Negro e Solimões, mas passou a despertar o interesse de traficantes a partir dos anos 70. Há plantações de epadú também ao longo do vale do rio Guaporé, em Rondônia. Em ambos os casos, as áreas são vizinhas às plantações de epadú das regiões amazônicas da Bolívia, Colômbia e Peru.

Não se sabe ao certo a importância desta cultura dentro da economia da droga. O epadú, que propicia até quatro colheitas por ano, viveu uma fase de *boom* em 1989. Apesar das recorrentes operações da Polícia Federal, não se conseguiu erradicar o cultivo.

A rota de mão-dupla do processamento de cocaína

O Brasil não só recebe a pasta-base da cocaína para ser processada, como também fornece aos laboratórios clandestinos da Bolívia, Peru e Colômbia os produtos necessários à fabricação da cocaína. Ambas são atividades extremamente lucrativas da economia da droga.

²⁸A antropóloga Elizabeth Coelho, da Universidade Federal do Maranhão, afirma que o hábito de cultivar e consumir maconha foi adquirido no século XIX, a partir do contato com negros africanos. Folha de São Paulo, 24/09/95.

²⁹Folha de São Paulo, 24/09/95.

³⁰Folha de São Paulo, 24/09/95.

Segundo o Relatório Anual sobre Controle Internacional de Narcóticos, o Brasil era, em 1992, um dos seis maiores fornecedores mundiais de éter e acetona para fabricação da cocaína. O mesmo relatório, publicado este ano, referente ao ano de 1993, informa que o Brasil é o país em que ocorre o maior trânsito mundial de éter e acetona. Em pouco tempo, o país vem assumindo uma importância crescente em diversas atividades da economia da droga.

No relatório há críticas à atitude do governo brasileiro em relação aos produtos químicos, uma vez que este impôs algum controle sobre a produção nacional, mas praticamente nenhum sobre a sua importação. Desta forma, os produtos químicos importados são facilmente contrabandeados pela fronteira, seguindo o sentido inverso das rotas de trânsito de drogas para o Brasil.

Se há algum controle sobre o éter e a acetona, não se pode dizer o mesmo de uma dezena de produtos químicos que podem substituí-los no processamento da cocaína. Exemplos destes, que não constam da lista de produtos químicos com venda controlada, são: exano (derivado do éter), metiletilcetano (derivado da acetona), anidrido acético, ácido clorídrico, permanganato de sódio e silicato de sódio.

Estimativas feitas em 1993 indicavam que o Brasil produzia, por ano, 65.000 toneladas de acetona, 2.060 toneladas de éter e 26.000 toneladas de anidrido acético. Acredita-se que a maior parte da produção sai de São Paulo e Salvador em direção a centros de processamento na Bolívia e Colômbia.

Os produtos químicos, quer sejam importados dos Estados Unidos, Canadá ou Europa, quer sejam produzidos no Brasil, têm um importante mercado consumidor no país, especialmente em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Os três são, provavelmente, os estados onde há a maior concentração espacial de centros de processamento em território brasileiro. Uma das causas principais da transferência destas atividades para o Brasil é a repressão às mesmas que vem ocorrendo na Colômbia, Peru e Bolívia. Acredita-se que a difusão de centros de processamento em território brasileiro tenha relação também com o alto consumo do crack, especialmente em São Paulo.

O crack é uma mistura de bicarbonato de sódio e pasta-base de cocaína. As “pedras” de crack são amplamente consumidas e produzidas em São Paulo e já há indícios de sua penetração em mercados de outros estados, como por exemplo o Rio de Janeiro.

Fumada em cachimbo, a droga causa dependência rápida em seus usuários, o que garante um mercado seguro para os traficantes da droga.

Não há, aparentemente, exigência de que laboratórios de processamento coincidam com entrepostos de trânsito. A maioria dos laboratórios se localizam em áreas de difícil acesso, tanto em áreas rurais quanto urbanas. Isto porque o movimento constante de entrada e saída não deve ser notado. Além disso, os laboratórios tendem a ser afastados, devido ao forte odor dos produtos químicos usados no refino da cocaína.

Os inúmeros caminhos da droga

“A América Latina ofereceu, nos últimos seis anos, um terreno geograficamente maravilhoso para o trânsito de drogas.”

*Omar Aleman, oficial da DEA*³¹

Segundo o último Relatório do Departamento de Estado dos Estados Unidos, o Brasil transporta cerca de 60% da cocaína produzida na América Latina. Entre 1992 e 1993, a apreensão de carregamentos de cocaína aumentou em 250%. Pelas rotas brasileiras também passam quantidades crescentes de heroína, o novo negócio dos cartéis colombianos. Segundo a DEA, a América do Sul passou, em 1994, ao segundo lugar na produção de heroína, que ainda é liderada pela Ásia, que controla 76% do mercado.

Uma infinidade de razões, além das apontadas anteriormente, fizeram do Brasil território tão propício às atividades de trânsito e exportação de drogas. Em primeira instância, a ausência de uma política séria de combate ao crime organizado, o que, aliás, não é “monopólio” brasileiro. De acordo com a Junta Internacional de Fiscalização de Drogas da Organização das Nações Unidas, “o narcotráfico consolidou sua tendência de globalização em 1993, aproveitando-se da falta de coordenação dos governos em combater o problema e do alto grau de corrupção no aparelho de repressão ao narcotráfico. Problema este que assola países ricos e pobres.”³²

³¹Folha de São Paulo, 30/04/95.

³²Jornal do Brasil, 01/03/94.

O presidente da Junta, Gottfried Mamata, afirma que “a organização dos cartéis mundiais da droga supera em muito a dos organismos nacionais e internacionais que deveriam combatê-lo.”³³

Aliadas às dificuldades que se apresentam no cenário mundial, inúmeras podem ser contabilizadas à escala nacional. Entre elas, as insuficientes condições de policiamento. As polícias sofrem a falta de uma estrutura eficiente para promover operações igualmente eficientes. Não só faltam recursos financeiros, como o número de efetivos é muito baixo para policiar fronteiras, estradas, portos e aeroportos brasileiros. Os equipamentos (barcos, carros, helicópteros, armamentos etc.) são qualitativamente inferiores aos usados pelos traficantes e insuficientes em número. Outro problema grave é a falta de pessoal especializado. Os salários baixos não constituem nenhum atrativo. O resultado é: quando, em uma operação, se cobre uma frente estratégica, outras permanecem desimpedidas.³⁴

Diante de tantas dificuldades, a organização e a troca de informações entre as polícias tornam-se objetivos de difícil alcance. O que seria imprescindível em organizações de aparato policial, os traficantes dispõem, muitas vezes, com sobra. Misteriosamente, descobrem de antemão as operações policiais e são capazes de se comunicar e refazer rotas com extrema rapidez.

Sobram-lhes também astúcia e criatividade. Em Rondônia, a polícia descobriu, por acaso, uma pista de pouso clandestina móvel. Plantadas em galões, grande quantidade de árvores eram colocadas e recolocadas na pista após a decolagem e aterrissagem. Comprovou-se também a existência, em inúmeras localidades, de laboratórios de refino de cocaína extremamente flexíveis, com uma centena de fornos microondas, com capacidade de serem ativados e desativados em questão de horas.

Embora haja uma multiplicidade de redes entre as áreas produtoras e as plataformas de exportação, pode-se destacar os principais corredores de trânsito e exportação de drogas que passam pelo Brasil. São eles:

³³Jornal do Brasil, 01/03/94.

³⁴IstoÉ/Senhor, 25/10/89.

• Corredor Colômbia-Venezuela-Brasil:

Por estrada ou através do rio Meta, a droga proveniente da Colômbia chega à Venezuela em direção ao Brasil. Penetra em território brasileiro através do ponto BV-8 da fronteira, a Vila Pacaraima (RR), e segue para Boa Vista (RR). Pode chegar por estrada à Manaus ou ser embarcada no porto de Caracaraí, percorrendo o rio Branco com o mesmo destino. De Manaus, a droga pode seguir para as Guianas e o Suriname, por via aérea, ou seguir em barcos pelo rio Amazonas até a Ilha de Marajó ou Belém. Em ambos os casos, alcançando os mercados consumidores dos Estados Unidos e Europa, por via aérea ou marítima.

Recentemente descoberta, esta rota conta com a vantagem de um policiamento pouco ostensivo, principalmente no trecho inicial em território brasileiro.

• Corredor Colômbia-Brasil:

A droga, proveniente da Colômbia ou da região denominada “Cabeça de Cachorro”, alcança Manaus, via alto rio Negro, e São Gabriel da Cachoeira (AM). Pode vir sob a forma de pó, pronto para a comercialização, ou pasta-base de cocaína, para ser refinada nas imediações de Manaus.

• Corredor Peru-Colômbia-Brasil:

Das regiões produtoras do Peru (responsáveis por 60% da produção de folhas de coca na América do Sul), a droga chega ao Brasil passando pelos vales dos rios Huallaga ou Ucayali, no Peru, ou ainda pelo rio Marañon-Solimões-Amazonas. Entra em território brasileiro via Tabatinga ou Benjamin Constant, passando por Letícia, na Colômbia. Letícia é separada de Tabatinga apenas por uma avenida.

Se a droga for a pasta-base da cocaína, pode ser levada à Tefé ou Coari para ser refinada. Além de estarem localizadas no caminho fluvial Tabatinga-Manaus, Coari e Tefé se situam em área pouco desmatada, o que torna seus laboratórios indevassáveis para vôos de observação. A escolha de instalação de laboratórios nestas cidades também tem relação com a baixa densidade populacional da zona rural. Os laboratórios estão dispostos na

cabeceira de pequenos rios tributários do Solimões, onde quase não há contato com a população ribeirinha que vive às margens dos rios e lagos.³⁵

Este corredor é um dos mais importantes para o trânsito de drogas. Em 1989, calculava-se que mais da metade da cocaína que entrava no Brasil seguia esta rota. Atualmente, embora amplamente utilizado, este corredor parece ter perdido importância para as rotas que passam pelo Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

• **Corredor Peru-Brasil:**

A droga entra em território brasileiro pelo Acre, através de duas rotas:

- a) Por estrada ou pelo rio Juruá, a droga é transportada até Cruzeiro do Sul, de onde ou continua pelo rio Juruá até o Solimões, ou segue para Porto Velho, pela BR-364.
- b) Por estrada, passando por Cobijas, a droga chega à Nova Brasília.

• **Corredor Bolívia-Brasil:**

A droga boliviana tem, principalmente, quatro possibilidades de entrada em território brasileiro:

- a) A droga sai de Guayamerín, no lado boliviano, em direção a Porto Velho (RO), passando por Guajará-Mirim e Abunã.
- b) A droga proveniente de San Joaquín, na Bolívia, entra em Costa Marques por estrada e segue para Cacoal. A rodovia que liga San Joaquín a Costa Marques foi apelidada de “Transcoca” pela população e foi construída por máquinas e equipamentos da prefeitura de Costa Marques. A droga também é comumente transportada através da fronteira por pequenos aviões, que dispõem para aterrissar de inúmeras pistas de pouso clandestinas.
- c) Através de Cáceres, a droga penetra em Mato Grosso em direção a Cuiabá. Pode seguir para Goiânia e Brasília, passando por Barra do Garsas ou ser levada para São Paulo, passando por Uberlândia (MG) e Ribeirão Preto (SP).
- d) De Puerto Suarez, na Bolívia, a droga alcança Campo Grande (MS) via Corumbá e Ladário. Daí em diante, pode entrar em São Paulo ou por Andradina, passando por Três Lagoas (MS) ou por Presidente Epitácio, São José do Rio Preto, Bauru etc.

³⁵Jornal do Brasil, 24/07/91.

Em São Paulo, a droga pode ser exportada para os mercados consumidores internacionais, tanto em vôos de carreira escondida sob os mais diversos disfarces, quanto por via marítima, a partir do porto de Santos, escondida sob fundos falsos de containeres de produtos primários.

Entretanto, o estado de São Paulo não é apenas uma plataforma de exportação, mas constitui um importante mercado consumidor de cocaína e de crack, principalmente em cidades do interior do estado, que vem apresentando altos índices de crescimento econômico. Além de assegurar a venda de parte de seus carregamentos ao longo do caminho, os traficantes dispõem nestas cidades de excelente malha viária, com ligações para várias cidades ao redor e boa rede comercial e bancária, o que facilita as operações financeiras do narcotráfico.³⁶

• Corredor Paraguai-Brasil:

A droga pode sair de Pedro Juan Caballero na fronteira e entrar em Ponta Porã (MS). Seguindo por Dourados, geralmente entra em São Paulo por Presidente Epitácio. Pode sair também de Ciudad del Este e, através de Foz do Iguaçu, seguir rumo a Ponta Grossa e Curitiba.

O Paraguai, além de produzir maconha, vem assumindo atividades de refino de cocaína.

• Corredor Bolívia-Argentina-Brasil:

A partir de Sucre ou Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, a droga proveniente das regiões produtoras de Yungas e Chaparé segue por estrada até a Argentina. Passando por San Salvador de Jujuy e Salta, a droga pode seguir até Corrientes, entrando no Brasil via Foz do Iguaçu. Há a opção de seguir até Buenos Aires, passando por San Miguel de Tucuman, e exportar a droga, por via aérea, para o Rio de Janeiro.

Algumas considerações podem ser feitas com relação às rotas de trânsito de drogas. Em primeiro lugar, são utilizadas as mesmas rotas para vários tipos de drogas. Maconha,

cocaína, pasta-base e heroína, cuja produção e comercialização são, na maioria das vezes, controladas pelas mesmas organizações, transitam em território brasileiro pelos mesmos lugares.

Um segundo aspecto a ser colocado é o fato das rotas serem de mão-dupla, isto é, “estão articuladas com o contrabando de grãos, produtos eletrônicos e ouro, do Brasil em direção ao Pacífico”.³⁷ Além disso, as mesmas rotas pelas quais chegam as drogas ao Brasil são utilizadas, no sentido inverso, para o fornecimento de produtos químicos aos laboratórios dos países vizinhos.

Pode-se observar também o uso alternado de diversas redes de circulação. São utilizadas redes fluviais, aéreas e terrestres ou uma combinação intermodal, fazendo-se uso de distintos meios de transporte. Processo que está relacionado não só com a preocupação com a segurança do trajeto, mas que, possivelmente, também tem relação com a disponibilidade de lugares para estocagem, que podem ser fazendas na área rural ou armazéns na área urbana.³⁸

Um último ponto a ser colocado é o uso cada vez mais freqüente de rotas terrestres. Se, no passado recente, a cocaína era primordialmente transportada por pequenas avionetas, isto não ocorre mais. Tal fato pode estar relacionado com o crescimento da entrada da pasta-base da cocaína no Brasil, utilizada para refino ou para fabricação do crack. Além de mais pesada, a pasta-base de cocaína tem menor valor econômico.³⁹

³⁶Jornal do Brasil, 19/02/95.

³⁷MACHADO, Lia Osório. *A Geografia das Drogas*. Trabalho apresentado no Congresso “O Desenvolvimento Sustentável e a Geografia Política”. Rio de Janeiro, UGI/LAGET, 1995.

³⁸MACHADO, Lia Osório. Op. cit.

³⁹MACHADO, Lia Osório. Op. cit.

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil atua, com magnitudes diferenciadas, em todas as atividades da economia da droga, tendo papel de destaque nas atividades de trânsito e exportação.

Ao contrário do que se imaginava no início deste trabalho, não há uma alteração substancial em termos espaciais dos grandes corredores de trânsito e exportação nos dois momentos previstos. O que parece acontecer é uma variação na intensidade e frequência de utilização das rotas face às políticas repressivas implementadas nestas regiões. É fato que, num primeiro momento (1989/90), mais da metade das drogas (em especial a cocaína) passava pelos corredores de exportação e trânsito da Amazônia e que, num segundo momento (1994/95), o maior volume de drogas seja transportado pelas rotas que atravessam o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul em direção a São Paulo. Não se observou, entretanto, a desativação de nenhuma rota, face à maior importância de outra, mas sim a subutilização da mesma.

Por outro lado, isto não significa que as rotas de trânsito não sejam dinâmicas. Há uma grande mobilidade espacial das rotas e dos espaços de estocagem. Ampliam-se as possibilidades de trânsito, através da utilização de cidades vizinhas e de outras redes de circulação.

As áreas de produção tendem a ser mais estáveis no tempo e no espaço. Embora conhecidas e notórias, estas áreas estão situadas nas mesmas regiões há mais de vinte anos.

Aparentemente, não há exigência de que entrepostos de trânsito ou estocagem coincidam com laboratórios de processamento, nem que estes se situem em áreas urbanas. Esta atividade tende a se localizar em localidades afastadas e em áreas de difícil acesso. Isto porque o movimento de entrada e saída de produtos químicos, pasta base e cocaína não devem ser notados, nem tampouco o forte odor dos produtos.

Ao que tudo indica, não existem “cartéis” de drogas no Brasil. Entendidos estes como organizações autônomas, com alto grau de organização e controle, desde as atividades de produção ao tráfico. Tudo leva a crer que as organizações brasileiras são associadas aos cartéis colombianos ou às máfias italianas, onde haveria um relativo grau de acompanhamento de todas as etapas, com a presença e coordenação de traficantes colombianos, peruanos ou bolivianos.

Exceção deve ser feita ao caso da maconha, pois, aparentemente, as atividades de distribuição, tráfico e trânsito de drogas se fazem exclusivamente sob o controle de traficantes brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

AMAYO ZEVALLOS, Enrique. Da Amazônia ao Pacífico cruzando os Andes. *Estudos Avançados* 7(17),1993.

ARBEX Jr, José. *Narcotráfico: um jogo de poder nas Américas*. São Paulo, Ed. Moderna, 1993.

BARDINI, Roberto. Drogas: um novo poder transnacional. *Cadernos do Terceiro Mundo*, nº 144: 23-30. Rio de Janeiro, Ed. Terceiro Mundo, 1994 (ago).

CABIESES, Fernando. *La coca: dilema trágico?* Lima, Enaco, 1992.

CHAVEZ ALVAREZ, Manuel Gonzalo. Narcotráfico: um novo item nas relações entre os EUA e a América Latina. *Política e Estratégia* 7(1): 40-52. São Paulo, Centro de Estudos Estratégicos, 1989 (mar-abr.)

COMISSÃO NACIONAL DE FISCALIZAÇÃO DE ENTORPECENTES. *A maconha*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1951.

DELPIROU, Alain y LABROUSSE, Alain. *El sendero de la cocaína*. Barcelona, Ed. Laial, 1988.

FELIPE MANSILLA, H. C. y TORANZO ROCA, Carlos F. *Economía Informal y Narcotráfico*. La Paz, Ildis, 1991.

FORO PERUANO DE RELACIONES INTERNACIONALES (FOPRI). Política exterior peruana: hipotecas o desafios? *Peru en la Aldea Global*. Lima, Ed. Luís Chuquiura, 1994.

GRIMAL, Jean-Claude. *L'économie mondiale de la drogue*. Paris, Le Monde Editions, 1993.

GOMEZ JARA, Francisco A. y MORA HERNANDEZ, Gerardo. Narcopoder: quatro hipotesis sociologicas. Ponencia del VIII Congreso Centroamericano de sociologia "Estado, Democratización y Desarrollo en Centroamérica y Panamá". Guatemala, 1988.

HOOBLEY, Thomas. *Crime e Violência*. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

LAVALLE, Bernard. Coca, cocaína y política en America Latina. In: *La coca y las economías de exportación en America Latina*. Bogotá, Universidad Hispanoamericana Santa Maria de La Rábida, 1993.

LYMAN, Michael and PETTER, Gary W. *Drugs in Society: Causes, Concepts and Control*. Cincinnati (OH), Anderson Publishing co., 1991.

MACHADO, Lia Osório. A Geopolítica do Governo Local: proposta de abordagem aos novos territórios urbanos da Amazônia. In: *Anais do 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, IBGE, 1993.

_____. *A teoria das estruturas dissipativas e a sua aplicabilidade à geografia das drogas na Amazônia sul-americana*. Trabalho apresentado no Encontro Internacional "Território, Lugar, Mundo". São Paulo, 1994.

_____. *A geografia das drogas*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional "Desenvolvimento Sustentável e Geografia Política". Rio de Janeiro, 1995.

MUSTO, David F. Opium, Cocaine and Marijuana in American History. In: *Scientific American*, 1991 (julho).

OGD. *La Drogue Nouveau Désordre Mondial*. Paris, Hachette, 1993.

_____. *État des Drogues, Drogues des États*. Paris, Hachette, 1994.

PROENÇA Jr, Domicio. *O tráfico de cocaína Colômbia - EUA. Esboços de uma logística do crime*. 1994.

RIVERO, Jorge A. La explotación estratégica de la desorganización social. *Ciência Política*, nº : 69-84.

SERRIL, Michel S. Is it the last battle? *Time*, 1994 (august).

SOUTH, Robert B. Coca in Bolívia. *Geographical Review* 77:22-33. New York, American Geographical Society of New York, 1977.

TOVAR PINZÓN, Hermes et alli. *La coca y las economías de exportación en la America Latina*. Bogotá, Universidad Hispanoamericana Santa Maria de la Rábida, 1993.

WALKER, Charles. La política norte americana frente a la cocaína: pasado insatisfactorio, futuro incierto. *In: La coca y las economías de exportación en la America Latina*. Bogotá, Universidad Hispanoamericana Santa Maria de la Rábida, 1993.

ZACKON, Fred. *A Heroína*. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

ZALUAR, Alba. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro, Revan/Ed. da UFRJ, 1994.